

DIE RELIGION (A RELIGIÃO) EM FEUERBACH: A RELIGIÃO COMO INSTRUMENTO OPRESSOR DA NATUREZA HUMANA

DIE RELIGION (THE RELIGION) IN FEUERBACH: RELIGION AS AN OPRESSIVE INSTRUMENT OF HUMAN NATURE

Glício Freire de Andrade Jr.¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar um dos grandes filósofos iluministas da história do pensamento e autor de uma das críticas mais emblemáticas formuladas contra o cristianismo, Ludwig Feuerbach. Feuerbach tornou-se conhecido por sua influência no idealismo marxista, bem como por ser um dos mais fervorosos nomes da esquerda pós-hegeliana. Na ideologia feuerbachiana constata-se uma negação a toda e qualquer manifestação metafísica de ordem transcendente e/ou sobrenatural; daí sua crítica ao homem religioso que se curva diante a ‘imagem’ de algo supostamente superior, qualificado pela suma perfeição e suma bondade. O filósofo sustenta, por sua vez, que tal ‘comportamento’ na verdade se trata de uma hipostatização psíquica, onde o sujeito humano projeta as qualidades positivas que possui em si numa pessoa divina e dela faz uma realidade subsistente. Por isso é possível encontrar na filosofia de Feuerbach uma definição mais pessoal-racional para a origem da religião. A religião surgiria de um sentimento de dependência do homem, uma vez que, as manifestações tenebrosas da natureza estejam ligadas ao divino. Ademais, para Feuerbach, os fenômenos tidos como sobrenaturais, nada mais são do que a própria manifestação da natureza e a divinização dos deuses nada significa; em última instância, trata-se da divinização da própria essência do homem.

Palavras-chaves: Religião. Homem. Natureza. Crítica.

ABSTRACT

This article aims to present one of the great Enlightenment philosophers in the history of thought and author of one of the most emblematic criticism against Christianity, Ludwig Feuerbach. Feuerbach has been known for his influence on Marxist idealism, as well as for being one of the most fervent names of post-Hegelian left. In Feuerbach's ideology finds itself a denial of any metaphysical manifestation of transcendent order and/or supernatural; hence his criticism of the religious man who is on the curve 'image' of something supposedly superior, qualified for the highest perfection and short goodness. The philosopher argues, in turn, that this 'behavior' in fact it is a psychic hypostatization where the human subject which projects the positive qualities

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões – UFPB. Graduado em História e em Ciências das Religiões. Integrante do grupo de Pesquisa VIDELICET – Estudos em Intolerância, Diversidade e Imaginário, vinculado ao PPGCR – UFPB e ao CNPq. E-mail: gliciofreire@gmail.com

that has itself a divine person and it makes a subsistent reality. So you can find in the philosophy of Feuerbach a more personal-rational definition of the origin of religion. Religion arise from a sense of dependence on men, since the dark manifestations of nature are connected to the divine. In addition to Feuerbach, the phenomena seen as supernatural, are nothing more than the very manifestation of nature and the deification of the gods means nothing ultimately the deification of the very essence of man.

Keywords: Religion. Man. Nature. Criticism.

INTRODUÇÃO

Ao tentarmos compreender a relação homem/religião, ou melhor, homem/sagrado, encontramos vários teóricos que se debruçaram a esse respeito, seja por um viés empírico ou suprasensível, racional ou irracional. Nesse trajeto estão os teólogos, teístas, deístas, ateístas, sociólogos, antropólogos, historiadores, etc.; todos em busca de um sentido para o fenômeno religioso. Que de fato exista um mecanismo que liga o sujeito humano a ideia do sobrenatural, isso parece quase inquestionável, basta-nos observar as diversas culturas e a própria história (em todas está presente o fenômeno religioso), todavia, não fica claro quais elementos o constituem e o fundamentam. Poderíamos considerar inicialmente que o sujeito humano e a religião se relacionam a partir de distintas motivações - medo, necessidade de respostas para a vida além da morte, necessidade de um sistema moral etc.-; em segundo plano, que essas motivações talvez nos conduzam a pensar sobre a *origem da religião*. Sem pretender exaurir essa questão, tendo em vista o arcabouço de leituras que já foram feitas sobre ela, discutiremos apenas à luz de alguns autores.

A experiência religiosa, como já afirmamos, esteve presente em toda a história da humanidade. Desde o homem primitivo, tem-se em mente que o sujeito humano estabeleceu algum tipo de relação com o sobrenatural; daí denominar nossa espécie como *homo religiosus*.² A partir dessa denominação, formular-se-ia a ideia que a religião é intrínseca à existência humana. Eliade fala-nos que desde os primórdios o homem sempre buscou separar o que é tido como sagrado do que é tido como profano; logo, para o homem religioso, a realidade não é

² Termo utilizado por diversos autores a fim de demonstrarem que o homem é por natureza um ser religioso, como corrobora o Mircea Eliade em várias passagens de seu *corpus* literário, a exemplo da obra magna *O Sagrado e o Profano*.

homogênea (ELIADE, 2010). O autor quer nos dizer que o tempo do homem religioso não é o tempo comum, retilíneo; o homem religioso vive um tempo cíclico, reversível e recuperável num eterno retorno em busca do sobrenatural. Nesse tempo extraordinário o homem religioso, através da experiência ‘numinosa’³, traz para o presente algo que ocorreu em tempos passados (este processo de trazer para o presente fatos que ocorreram em tempos passados dá-se através dos ritos), mesmo que de forma subjetiva e, mesmo aqueles que a neguem como tal, acabam afirmando-a, pois distinguem certos locais que consideram especiais, os chamados locais sagrados.

Um outro autor que também se refere a religião é George Dumézil. Diferente de Eliade que apóia a ideia do fenômeno religioso nos conceitos de sagrado e profano, para Dumézil só podemos compreender o que é religião a partir de sua origem. Além disso, completa ele, essa tarefa pertence aos filósofos⁴ (ELIADE, 2008). Dumézil sugere assim que, como a filosofia é o campo do saber que mais se interessa pela essência, seja ela capaz de investigar a origem da religião. A forma provocadora de Dumézil nos convida a pensar que tornar a Religião um objeto de estudo só será possível pelo viés filosófico. Essa visão parece radical e ‘pretensiosa’. Mas aqui é preciso considerar apenas a importância da filosofia da religião, enquanto campo disciplinar fundamental das ciências das religiões⁵.

A questão da religião sempre foi tratada pelos filósofos, sobretudo no que diz respeito à sua crítica. A crítica à religião trouxe uma colaboração singular nos estudos sobre as religiões. Podemos citar Nietzsche, Schopenhauer, Freud, Marx, e Feuerbach como os mais notáveis filósofos que registraram em seus escritos uma espécie de crítica contra o papel e a origem da religião, especialmente contra o cristianismo. Dentre esses destacamos Ludwig Feuerbach. A filosofia feuerbachiana surgiu no seio do hegelianismo, enquanto ‘ataque’ ao próprio ‘absolutismo’ hegeliano. Seu modo de refletir sobre a religião tornou-se bastante diverso daquele predominante na época.

Feuerbach, iluminista e filósofo alemão, notoriamente reconhecido pelas influências que seu pensamento exerceu sobre um dos maiores pensadores socialista do século XIX, Karl

³ Característica do SER supremo conforme Rudolf Otto define em o *Sagrado*. (2007).

⁴ “A ciência das religiões deixa para os filósofos a questão das ‘origens’” – Prefácio em *O tratado de história das religiões* (2008 p. X).

⁵ Não entraremos nessa discussão, visto que ela adentra em uma discussão mais ampla, a do estatuto científico e disciplinar do campo das Ciências das Religiões.

Marx, por suas críticas ao idealismo hegeliano e ao cristianismo. Em seus escritos, Feuerbach, em sua crítica ao idealismo hegeliano, deixa nítido que o problema em Hegel é a religião e a trata como uma ferramenta de alienação, onde o homem projeta seus anseios num ente sobrenatural, num ser metafísico. Descarta toda e qualquer ideia teísta de Deus, sobretudo a cristã, e pensamentos teológicos, uma vez que, para a teologia, segundo Feuerbach (2009), só é verdadeiro o que é sagrado, e onde a teologia se baseia num livro especial no qual ela crê estarem contidas todas as verdades necessárias e salvadoras para o homem. Em contraponto, diz que para a filosofia só é sagrado o que é verdadeiro.

Oposto ao idealismo hegeliano, vemos em Feuerbach um filósofo da natureza, onde busca relacionar o homem exclusivamente com o natural – onde temos a natureza intrínseca ao homem, excluindo qualquer pensamento sobrenatural. Ele aponta a natureza como o primeiro objeto da religião. Para Feuerbach (2008) é pura fantasia do homem crer que sua existência é devida a uma providência divina, a um ente sobrenatural como os deuses ou os espíritos. Para Feuerbach (2007) o Deus do homem é nada mas que sua própria essência. Os homens têm um sentimento de dependência e essa dependência depositam nos deuses – assim como os animais domésticos necessitam de seus donos para sobreviverem, assim dependem os homens de seus deuses. Neste sentido, a religião é para o homem exatamente tão necessária como a luz o é para os olhos, o ar para os pulmões e a comida para o estômago (2008 p. 24).

A partir de seu materialismo filosófico, que vem a excluir todo e qualquer pensamento sobre-humano, podemos destacar Feuerbach como um dos maiores estudiosos e críticos das religiões, principalmente ao cristianismo. Feuerbach não relaciona os fenômenos apontados pelo cristianismo com sobrenatural e sim ao natural. Para Feuerbach, só existe a natureza e o homem; em seus pensamentos busca apresentar esta intrínseca relação que há entre o homem e a natureza, o homem como ser dependente dela e não de seres de sua simples e mera fantasia. A *hierofania*⁶, que para o homem religioso é tida como algo sobrenatural, na visão de Feuerbach ela é uma simples manifestação da natureza.

O pensamento de Ludwig Feuerbach

⁶ Termo o qual se refere Mircea Eliade em seu livro *O sagrado e o profano* para definir toda e qualquer manifestação do sagrado. (ELIADE, 2008 p.17)

Feuerbach reconhece que a ideia do sobrenatural ou supranatural está relacionada à existência humana. E por isso mesmo um dos temas centrais que marcam sua filosofia é a religião. Para Feuerbach a religião é um dos principais fatores que diferencia o ser humano do animal. Em suas palavras: “a religião se baseia na diferença essencial entre o homem e o animal – o animal não tem religião”. (FEUERBACH, 2008)

Um outro sentido, segundo Feuerbach (2007) seria a diferença essencial entre o homem e o animal, a consciência. Uma vez que o homem tem consciência de sua finitude, de seus limites, é através da religião que o mesmo torna-se infinito; sua consciência é então infinita. Para Feuerbach “a religião é a consciência do infinito”⁷.

Diante disso, já em suas preleções sobre a essência da religião⁸, Feuerbach no apresenta uma notória diferença entre a natureza humana e a animal. É nesse contexto, enquanto teoria filosófica, que o autor busca formular sua crítica à religião. Para o autor alemão, a religião sempre se opõe a natureza humana, sua sensibilidade e razão. Seguindo esse plano, Feuerbach posiciona-se frontalmente contra a visão teísta e o idealismo cristão. A princípio sua doutrina se resume apenas em conceitos: natureza e homem. A seu ver, a religião concebe o homem como dependente e secundário a natureza. Para Feuerbach:

É consequência de minha doutrina que não existe nenhum Deus, ou seja, nenhum ente abstrato, suprassensível, diverso da natureza e do homem, que decide sobre o destino do universo e da humanidade a seu bel-prazer; mas essa negação é apenas uma consequência do conhecimento da essência de Deus, do conhecimento de que esse ser nada mais expressa do que, por um lado, a essência da natureza, de outro lado, a essência do homem.⁹

Conforme Feuerbach, o que o homem conhece e chama de Deus nada mais é que sua própria essência. Ou seja, Deus e o homem, em si mesmo, são idênticos. Tal identidade revela-se da seguinte forma: o homem acredita que Deus ama a humanidade porque ele mesmo é amor, o homem que Deus existe porque ele próprio existe, e assim por diante. Na verdade, em síntese,

⁷ Ibid, p. 36.

⁸ Tradução de sua obra *Vorlesungen uber das Wesen der Religion* por José da Silva Brandão.

⁹ FEUERBACH, 2009 p.36 e 37

Feuerbach quer mostrar que Deus é um ser abstrato, uma construção do próprio homem que se projeta para fora do homem:

A consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo, o conhecimento de Deus é o conhecimento que o homem tem de si mesmo. Pelo Deus conhece o homem e vice-versa pelo homem conheces o seu Deus; ambos são a mesma coisa.¹⁰

Em outros termos, a filosofia feuerbachiana denota que deuses e espíritos nada mais são que uma simples contemplação da fantasia imagética humano, uma vez que esta ação se distingue da realidade; fantasias essas, fruto de suas necessidades. Nas palavras do filósofo:

Com plena consciência a essência real do universo ou da natureza ao invés da essência abstrata, só pensada, do universo a que se chama Deus, e o homem racional, real e sensível ao invés da essência racional da filosofia abstraída do homem e libertada dos sentidos¹¹.

Em outra passagem Feuerbach confirma essa percepção ao afirmar que “a essência de Deus é apenas a essência das coisas sensoriais abstraídas das qualidades essenciais, e que a existência de Deus é apenas o conceito genérico da existência”¹². Frente ao teísmo e ao fundamentalismo cristão, onde o homem deve toda sua existência a um Deus, e que o homem depende desse mesmo Deus para viver, Feuerbach nos diz que “se o homem não morresse se vivesse eternamente, não existiria religião”¹³. Diante essa exposição, a religião, nomeadamente o cristianismo, persuade a humanidade acerca da existência e dos predicados de sumo amor e suma bondade de Deus, por exemplo.

Fundamentos da religião: a essência do homem como negação de si mesmo

¹⁰ FEUERBACH, 2007 p.44

¹¹ Ibid. p.26

¹² FEUERBACH, 2009 p.156.

¹³ Ibid, p.46

Feuerbach em sua filosofia irá tratar e afirmar que religião/teologia é a própria que antropologia, ou seja, Deus e a religião são produtos da criação humana. Podemos dizer ainda que Feuerbach reduz a ideia teísta de algo sobrenatural para algo natural. Na ótica do autor alemão, o que chamamos de Deus (*Gott*), é a simples essência do homem, ou seja, o próprio homem que se auto divinizou. Nas palavras do filósofo:

O ser que para mim pressupõe o homem, o ser que é a causa ou o fundamento do homem, a que ele deve seu aparecimento e existência, não é para mim Deus – uma palavra mística, indefinida e ambígua – mas a natureza – uma coisa e uma palavra clara, sensível, indubitável¹⁴.

Em sua quarta preleção sobre a essência da religião (2009), Feuerbach trata sobre o sentimento de dependência, e que esta seja a base da religião. Neste ponto o autor reafirma que a natureza antecede a religião. Ao relacionar a origem da religião ao sentimento de dependência do homem, sentimento esse que para ele é o “único nome e conceito universalmente certo para designar e explicação do fundamento psicológico e subjetivo da religião¹⁵”; Feuerbach aponta o medo (*Furcht*) como o principal aspecto desse sentimento. “O medo foi o primeiro que criou deuses no mundo. A mola-mestra da religião”¹⁶.

Confirma-se ainda explicação da religião a partir do medo pelo fato de que mesmo entre os povos mais elevados espiritualmente a mais alta divindade é a personificação dos fenômenos naturais que produzem no homem o mais alto grau de medo, a divindade da tempestade, do trovão e do raio¹⁷.

O próprio termo *medo* está relacionada religião, uma vez que no alemão o termo *Ehrfurcht* significa adoração religiosa. O radical do termo *Ehre* pode ser traduzido por honra, dignidade, já terminologia *Furcht* por medo. A junção dos termos bem denota o sentimento religioso de temor, terror diante o sobrenatural. É nesse cenário que talvez possamos

¹⁴ Ibid, p.34

¹⁵ Ibid, p.45

¹⁶ Ibid, p.38

¹⁷ Ibid, p.40

compreender a ideia de Feuerbach, segundo o qual homem busca a religião por medo. Uma colocação plausível a esta questão é o simples medo que o homem de sua finitude. Como vimos anteriormente, para Feuerbach, o que distingue o homem do animal é a capacidade de ter consciência, de se comunicar consigo e com o mundo. O homem faz história, e tem noção de sua finitude, de sua própria morte. Cada cultura busca sua maneira de enfrentar essa fatalidade, de tal modo que tentam amenizar esta angústia. Poderíamos sugerir, seguindo a perspectiva feuerbachiana, portanto, que as religiões assim surgem. Para o filósofo é:

O sentimento de morte, a alegria é sentimento de vida. O medo é o sentimento da dependência de um ser ou pelo qual não sou nada, que tem o poder de me aniquilar. A alegria, o amor à gratidão são sentimentos da dependência de um ser através do qual eu sou alguma coisa, que me dá o sentimento e a consciência de que eu vivo e existo através dele¹⁸.

Um outro autor que faz analogia a Feuerbach é Rudolf Otto¹⁹ (2007), teólogo alemão, que concorda com Feuerbach ao afirmar que a religião também possui suas origens no sentimento de medo (*Furcht*); contudo, Otto o trata como um sentimento natural, e diverge do filósofo ao dizer que:

Não é do temor natural nem de um suposto e generalizado “medo do mundo” (Weltangst) que a religião nasceu. Isso porque o assombro (das Grauen) não é medo comum, natural, mas já é a primeira excitação e pressentimento do misterioso, ainda que inicialmente na forma bruta do “inquietante misterioso” (Unheimliches), uma primeira valoração segundo uma categoria fora dos âmbitos naturais costumeiros e que não desemboca no natural.²⁰

Filosofia/religião da natureza

Diante do esboço, Feuerbach (2009) deixa claro que não concebe a natureza como uma religião, uma religião da natureza²¹, pois é pela natureza que Feuerbach nega quaisquer

¹⁸ Ibid, p.44

¹⁹ O objetivo não é confrontar tais pensamentos, venho a citar Rudolf Otto neste momento pelo simples fato de haver uma concordância entre ambos na questão para o surgimento da religião, que por vez esteja ligada sentimento de medo (*Furcht*), porém, encontramos uma discordância para este sentimento.

²⁰ OTTO, 2007 p.15

²¹ Neste sentido, Feuerbach trata a natureza como sendo tudo aquilo de concreto tal qual a conhecemos.

fenômenos tidos como sobrenatural ou supranatural que fundamente ou dê origem a religião. A natureza é para Feuerbach o “cerne de todas as forças, coisas e seres sensíveis que o homem distingue de si como não humanas”²².

Enquanto crítico da religião e defensor da natureza, Feuerbach diz que:

A natureza é tudo o que se mostra ao homem (com exceção das sugestões supranaturalistas da crença deísta) imediatamente, sensorialmente, como a base e o objeto de sua vida. Natureza é luz, é eletricidade, é magnetismo, é ar, é água, é fogo, é terra, é animal, é planta, é homem enquanto ser que age espontânea e inconscientemente – nada mais, nada místico, nada nebuloso, nada teológico compreendendo na palavra natureza.²³

Em seu livro *A Essência da Religião*, diz que:

Para mí – naturaliza (exatamente igual que – espíritu) no es más que un término general para designar entes, cosas, objetos que el hombre diferencia de sí mismo y de sus propias producciones y que agrupa así bajo el nombre colectivo de – naturaliza; pero em absoluto um ente universal, extraído y se parado de la realidad, ni personificado o mistificado.²⁴

Em sua oitava preleção sobre a essência da religião, Feuerbach desconsidera outra vez a ideia da existência fantasiosa sobre-humana que encontramos nas explicações das religiões do livro, para ele, “a essência divina que se pode manifestar na natureza não é outra coisa que a natureza mesma que se manifesta, se mostra e se impõe ao homem como um ente divino”²⁵.

Considerações finais

Observamos na ideologia feuerbachiana apenas dois elementos – o homem e a natureza. A partir desses dois elementos, Feuerbach busca entender a relação que há em ambos. O homem depende da natureza, a quem deve seu aparecimento e existência e não reconhecem

²² FEUERBACH, 2009 p.108

²³ Ibid.

²⁴ FEUERBACH, 2008 p.23 - Versão em espanhol do livro de Feuerbach *Das Wesen der Religion* (1845), traduzido por Tomás Cuadrado Pescador com o título *La esencia de la religión* (2005).

²⁵ Ibid. p 15

tais feitos, atribuindo assim, fenômenos naturais a entes sobrenaturais. Em sua visão, os deuses que os homens adoram, são frutos de sua própria fantasia. Em sua teoria não foi Deus quem criou o homem à sua imagem e semelhança, mas sim o homem quem criou Deus sua imagem e semelhança. Deus, para Feuerbach, nada mais é que uma entidade fantasmagórica moldada pelo próprio homem. Em seus escritos, o autor alemão destaca constantemente que fenômenos religiosos, tidos como sobrenaturais, são na verdade naturais.

Em suas preleções, afirma que seu objetivo é:

Tornar os homens de teólogos, antropólogos, de teófilos, filantropos, de candidatos do além, estudantes do aquém, de servos religiosos e políticos da monarquia e da aristocracia terrestre e celeste, cidadãos da terra, livres e conscientes. Minha meta não é então negativa, mas positiva, nego para afirmar; nego apenas a aparência fantástica da teologia e da religião, para afirmar a essência real do homem. (FEUERBACH, 2009 p. 36).

Theós, Gott, Deus, é um mero nome que compreende tudo o que é possível e cujo conteúdo é tão diverso quanto diversos são os tempos e os homens. Trata-se apenas de um objeto da religião. Contudo não deixamos de observar em Feuerbach um *homo religiosus*, uma vez que para o filósofo a natureza num geral é tida como especial, e como afirma Eliade²⁶, um local sagrado.

Diante do exposto, podemos supor que a crítica a religião empreendida por Feuerbach, tem por objetivo principal desvelar os verdadeiros mistérios da religião cristã, sobretudo porque aponta que os predicados divinos são, de fato, predicados humanos. Assim, Feuerbach reduz toda a teologia a antropologia, ou em outras palavras, mostrando que a essência divina é a própria essência humana.

Referências Bibliográficas

CHAGAS, Eduardo F. A majestade da natureza em Ludwig Feuerbach. In: REDYSON, Deyve; DE PAULA, Marcio Gimenes (Org.). **Homem e natureza em Ludwig Feuerbach**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

²⁶ Eliade em *O sagrado e o Profano* (2008) ao dizer que mesmo os que não se consideram religiosos, guardam em si locais especiais, sagrados.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____. **La esencia de la religión**. Madri, Espanha: Editora Páginas de Espuma, 2008.

_____. **Preleções sobre a essência da religião**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, EST; Petrópolis: Vozes, 2007.